



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

PROBLEMATIZANDO OS DISCURSOS EXISTENTES NAS CANTIGAS FOLCLÓRICAS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cláudia Elisabete Sträher¹

"Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo."
Hamilton Werneck

Resumo:

Com a ampliação do espaço da escola EMEI Irmã Valéria (para 2 prédios distintos), em Novo Hamburgo, no ano de 2019, a equipe docente defrontou-se com alguns desafios. Desejando envolver a Comunidade Escolar na construção e organização deste novo lugar, as professoras de Mediação de Leitura (ML) propuseram ação conjunta para a criação do espaço de Biblioteca. As crianças pensaram, desenharam e sonharam com a “sala dos livros”, a sala “mágica”, na qual as aulas do projeto de ML aconteceriam. Concomitantemente, este projeto, baseando-se no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, propôs problematizar junto às crianças as questões relativas aos gêneros, violência doméstica, preconceitos e discriminação, entre outras problemáticas sociais que são temas importantes e interessantes de serem analisados e discutidos já na infância. Esta é uma prática consolidada na escola nos últimos anos e vêm apresentando mudanças significativas nos diálogos que permeiam nosso dia-a-dia. Com algumas dificuldades em relação ao acervo literário, eu resolvi (como educadora do projeto de ML do turno da manhã) experimentar resgatar as canções e cantigas do nosso repertório folclórico. Atendo-me às falas e versos das mesmas pude trazer à discussão os temas descritos acima, fomentando estas descobertas com apoio da literatura, proporcionando a possibilidade das crianças relacionarem estas músicas com livros e histórias escritas, potencializando nas crianças sua exploração no mundo da pesquisa, leitura e análise crítica destas fontes apresentadas, além de (re)pensar sobre sua própria vivência, realidade, reconstruindo ou reformulando essas cantigas para evitarmos de propagar ideias desconexas de nossos valores. Metodologicamente o trabalho se constitui de resgate cultural com análise das transformações da sociedade e, então, de produção de uma postura nova, ou não. A partir das intervenções realizadas (diálogos, brincadeiras, representações gráficas, teatro, dança) percebemos que as crianças ampliaram seu repertório cultural, literário, gráfico plástico, musical e corporal; passando a apresentar discursos com uma visão mais questionadora, provocadora de reflexões e apontamentos (principalmente em relação às atitudes dos adultos do seu entorno), indicando um dos primeiros efeitos de transformação.

¹ Professora formada em Magistério (IEI, 1994), Licenciada em Pedagogia (UNISINOS, 2002) e Pós-Graduada em Literatura Infantil e Ludicidade (2015), Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo (2005), atuando na EMEI Irmã Valéria, e-mail: claudiaelisabete77@gmail.com



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Palavras-chave: Canções e cantigas folclóricas; Educação Infantil; Mediação de Leitura; Sociedade e Cultura

INTRODUÇÃO

O início do ano letivo de 2019, para a EMEI Irmã Valéria, trouxe consigo um grande desafio: estender as atividades da escola em outro espaço (antes pertencente a uma EMEF), a fim de atender a pré-escola. Assim, a equipe de profissionais da Instituição, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo, buscou e continua buscando, reconstruir o “novo” ambiente, com o objetivo de atender às crianças de forma qualificada, conforme exigem os preceitos teóricos e legais da Educação Infantil.

Apresento este artigo, então, abordando um recorte de uma experiência de trabalho do Projeto Mediação de Leitura que desenvolvo com as turmas de faixas etárias (FE) de 4 e 5 anos pertencente ao turno da manhã, do **Anexo** (novo espaço) da EMEI Irmã Valéria. Inicialmente, focando na idealização de organização de um espaço para a Biblioteca Escolar e tendo conhecimento da falta ou do raso acervo literário, abordei temas e discussões a partir de canções e cantigas folclóricas já conhecidas, ou não, pelas crianças. Trouxe acervo emprestado, comprado para uso particular, adquirido pela Escola, resgatado do outro espaço, dentre outras formas para *linkar* com o tema proposto de cada canção e assim, iniciarmos nossas discussões e questionamentos acerca dos conteúdos existentes nestas cantigas que são entoadas e repassadas por gerações. Nestes momentos, conseguimos perceber, descobrir e até nos surpreender com as questões preconceituosas, discriminatórias, violentas, abusivas, dentre outras que estamos cantando, quase que diariamente e que, ingenuamente, estamos ajudando a propagar.

Neste registro, primeiramente, apresento ideias e conceitos de autores e autoras que fundamentam teoricamente nossas intervenções pedagógicas desenvolvidas nesse processo lúdico, musical, literário e contestador.

Em seguida, descrevo a metodologia utilizada em minha prática, que emprega a pesquisa com crianças, em parceria comigo, para desenvolver e potencializar saberes e competências capazes de intervir na realidade que nos cerca.

Num terceiro momento, analiso, neste artigo, os desdobramentos que as intervenções pedagógicas foram capazes de operar nas crianças, reverberando o



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

conceito de avaliação na Educação Infantil (HOFFMANN, 2012), bem como o de reflexão-ação-reflexão (ALARCÃO, 2006).

Encerro com a análise desta prática, desta experiência que também nos desacomoda da mecanização de perpetuar nossa cultura sem refletir se condiz com nossos valores e da importância do fazer individual com um propósito coletivo. Também sinalizo a necessidade e o desejo de dar continuidade à práticas como essas, para a garantia de uma educação mais crítica e humana dos sujeitos desde a mais tenra idade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de sustentar teoricamente este trabalho valho-me de concepções foucaultianas que colocam os discursos sob suspeita, desnaturalizando-os, de forma a pensarmos sobre novas perspectivas.

Este movimento sustenta a perspectiva pós-estruturalismo dos Estudos Culturais (EC). Segundo Marisa Vorraber Costa (2001), os Estudos Culturais vêm produzindo uma explosão de análises sobre temas que abordam questões fundamentais do nosso tempo como gênero, sexualidade, raça, etnia, nacionalidade, pós-colonialismo entre tantas outras. Para tais discussões, uma característica fundamental dessas produções analíticas é a contestação de certas concepções culturais hegemônicas, subvertendo assim os territórios disciplinares tidos como tradicionais e estreitando um compromisso com as populações culturalmente marginalizadas.

Para compreender com maior profundidade o campo de análise dos Estudos Culturais, os pesquisadores da área Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luis Henrique Sommer (2003, p.43) resumem as contribuições de Sardar e Van Loon (1998) que apontam cinco pontos cruciais que definem os EC.

[...] O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; expor como o poder atua para modelar as práticas. O segundo é que desenvolve estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e quem é conhecido. E o



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

quinto, finalmente, refere-se ao compromisso com os EC com a avaliação moral da sociedade moderna com uma linha radical de ação política.

Acredito que através dessas contribuições dos EC, poderemos estar mais atentos enquanto profissionais da educação para perceber as escolas e seus currículos como espaços de produção, circulação e consolidação de significados. Além disso, também conseguimos perceber que o currículo não é algo produzido somente no âmbito escolar. Ou seja, instituições como família, mídia, cinema, religião, internet e outros, também são espaços que produzem currículos que atravessam a escola, o que podemos chamar de Pedagogias Culturais.

No que diz respeito às Pedagogias Culturais, (temática bastante abordada nos Estudos Culturais) é relevante considerar que, conforme afirma Camozzato (2014), “a ênfase que se tem dado às Pedagogias Culturais foi uma porta de entrada importante para a ampliação, no Brasil, do entendimento do que se considera Pedagogia” (p. 581). Ou seja, precisamos, nós profissionais da Educação, admitir a multiplicidade das pedagogias que tem se destacado a partir do final do século XX, para darmos sentido ao fazer docente. Dessa forma, cabe ao/à educador/a junto à Equipe Diretiva, a tarefa de compreender estas variantes e potencializá-las nas reflexões junto aos colegas docentes. Camozzato e Costa (2013) salientam que as mudanças no mundo contemporâneo constituíram uma dessacralização da escola como espaço por excelência. Neste sentido, houve uma proliferação de pedagogias buscando produzir e governar os sujeitos em um mundo tão líquido e plural.

Tal consideração se pauta pelo entendimento de que as contribuições das pesquisas sobre as pedagogias culturais em operação (como as que investigam textos televisivos, revistas, brinquedos, jornais, sites, filmes, etc e suas estratégias para funcionarem como pedagogias orientadas para ensinar determinadas formas de ser criança, jovem, adulto, ou mesmo forma de lidar com o corpo, com os outros, entre tantos aspectos) podem ser pensadas, também, a partir de uma investigação sobre o motor dessas pedagogias. (CAMAZZOTO E COSTA, 2013, p.31)

As autoras também sublinham que o conceito de *pedagogia* vem sofrendo grandes transformações e, para darmos conta dessas transformações, uma *vontade de pedagogia* vem atuando no cenário contemporâneo, que implica numa “vontade de comandar”, numa



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

“vontade de poder”, em estratégias que nos façam engajar em determinadas práticas sociais.

Por isso, não podemos subestimar o papel da mídia na educação, que não se dá apenas no âmbito escolar e familiar, mas também através da televisão, publicidade, revistas (MEYER e SOARES, 2008; SCHMIDT, 2001; SABAT, 2001). Para as autoras, a mídia possui múltiplas possibilidades educativas, no momento em que a partir dela, se torna possível educar os sujeitos para que vivam de acordo com regras e padrões estabelecidos socialmente. Logo, a mídia torna-se uma das instituições que também é produtora de cultura, de significados e representações. As imagens que são apresentadas através da mídia possuem uma forma de nos ensinar sobre o mundo, produzindo conceitos ou pré-conceitos, através de imagens que dão destaque a determinados estilos de vida e modos de ser.

No que diz respeito à cultura infantil, podemos perceber que frequentemente a publicidade, com a intenção de vender determinado produto, apresenta imagens hegemônicas às crianças. Entretanto, é preciso levar em conta, que essas imagens carregam signos e representações sobre os modos de ser e se portar dos indivíduos. É possível entender que a sociedade, de uma maneira geral, investe em comportamentos padrões, fazendo com que os sujeitos se portem “dessa” ou “daquela” maneira, e isso vai se constituindo e se expressando através dos brinquedos, jogos e brincadeiras, por exemplo, que se proporciona e se apresenta às crianças.

Diante de tudo que é aqui apresentado, acredito que, no âmbito do currículo popular, faz-se necessário que lancemos um olhar reflexivo para como as *infâncias* são produzidas, formatadas e apresentadas na sociedade contemporânea. Faz-se necessário, também, analisar como as *identidades* são constituídas na infância, percebendo como a mídia e a publicidade operam nessa construção. Para isso, necessitamos de investimento na investigação sobre como educadores/as das crianças na mais tenra idade percebem e lidam com todas essas influências e como a formação desses profissionais colabora para o entendimento e trabalho com a constituição das *identidades* dos sujeitos infantis. Então, no que diz respeito à formação continuada dos docentes, nos cabe a tarefa de estarmos dispostos a investirmos nosso tempo para estudos e discussões acerca dessas pedagógicas que atravessam a escola.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Afinal, como já foi abordado, a Instituição Escolar e a mídia não são as únicas a segregarem e reforçarem estereótipos e hegemonias. Todavia, não é possível ignorar a importância do papel pedagógico desses dois espaços educativos na cultura do nosso tempo. É preciso dar-se conta de como a escola está envolvida em redes de vigilância e regulação (MEYER; SOARES, 2008).

Para a escola construir este exercício analítico, é necessário a

[...] inserção de temas culturais nos cursos de formação de professores e professoras, como suporte para a compreensão das representações sociais de gênero, sexualidade e corpo e de outras representações que povoam tanto a escola, quanto os demais espaços que ajudam a produzir tais representações, como a mídia, por exemplo, (em especial a televisão), com a qual crianças e jovens interagem intensamente (MEYER; SOARES, 2008, p. 13).

Momo (2012, p. 23) enfatiza que “as crianças consomem as imagens que lhe são oferecidas, para construir suas próprias imagens e parecem saber que ‘estar na imagem é existir’”. Pensando em direção às considerações da autora, entende-se que as *identidades* estão associadas à produção de uma imagem e que modos de ser dos indivíduos são ditados pela cultura da mídia.

Durante minha trajetória com as crianças da Educação Infantil, através dos discursos que elas apresentam, dos pertences e apetrechos que usam e levam para a escola, é possível refletir sobre a estreita relação entre a cultura da mídia e a educação, pois, segundo Saraí Schmidt (2001, p.64)

Vivemos em uma época na qual diversas crianças ingressam na escola com um saldo de horas de televisão superior aos que terão nos currículos escolares. Os artefatos da cultura, como a televisão ou os jornais, praticam pedagogias, nos ensinam coisas, nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são, como as coisas devem ser. Neste sentido, entendo ser importante que professoras e professores aproximem-se do manuseio e discussão destes produtos produzidos pela mídia.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que através dos brinquedos anunciados às crianças por meio da publicidade televisiva, é fácil notar que “em suas brincadeiras, as meninas têm liberdade para serem cozinheiras, cabeleireiras, fadas, madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras e etc., brincadeiras que denotam o caráter pacífico a elas atribuído” (MORENO, 1999, p. 31). Já para os meninos, são anunciados brinquedos que carregam significados relativos à virilidade, força, agilidade e aventura. Os signos de mas-



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

culinidade transmitidos pela mídia ao público infantil masculino compartilham, compreendem e reproduzem características da identidade heterossexual, subjetivando que se estes elementos estiverem “ausentes” em um homem/menino “comprometem/colocam em cheque” sua sexualidade. Porém, é válido levar em consideração uma pedagogia reflexiva a partir do que Sabat (2001, p.68) ressalta em sua discussão sobre mídia e relações de gênero:

[...] Se compreendermos que todas essas condições são construídas em meio a processos históricos e culturais, nunca tranquilos, talvez possamos trabalhar melhor com comportamentos e opções sexuais diversas em nossas salas de aula, contribuindo para que as diferenças, não somente de gênero, mas também de raça, religião, etnia, não sejam transformadas em desigualdades.

Sendo assim, diante das diferentes *pedagogias* que transitam no espaço escolar, considero necessária a análise de como a profissão docente e o ambiente escolar podem muitas vezes, reforçar padrões e regular modos e ações das crianças desde a mais tenra idade.

A prática de “reinventar” as canções folclóricas não está impondo ou propondo esquecer nossa história, nosso repertório cultural, mas enriquecê-los com nossos questionamentos e transformá-los a partir das mudanças da própria sociedade, como afirma Isaque Folha, para o G1:

Não! Eu não faço uma versão politicamente correta, faço a versão correta, entende? Porque se eu tenho uma criança, uma pessoa em formação, não posso ficar estimulando que ela brinque com cantigas que incentivam a violência. Isso é loucura, é insanidade.

Reescrever as canções, as cantigas, é ressignificar de acordo com as transformações da sociedade, a partir das percepções e sentimentos das crianças. É dar “voz” aos pequenos e aos meus próprios valores, pois como educadora preciso fortalecer estes conceitos e propagá-los.

METODOLOGIA

Nesta seção descreverei a metodologia empregada na pesquisa, bem como as ações que foram realizadas junto das turmas do turno da manhã da EMEI Irmã Valéria.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

No que tange os aspectos metodológicos, optei por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação. De acordo com Barbier (2007), a pesquisa-ação ocorre quando o problema surge na comunidade, neste caso, das turmas. A pesquisa-ação, além de definir, vai analisar e resolver, beneficiando-se da investigação. É importante pontuar que tal metodologia exige a participação total do grupo durante o processo da pesquisa, o que reverbera as considerações Thiollent (apud GIL, 1999, p. 46) quando a define como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Neste sentido, encontrei no projeto diferentes formas de contação de histórias que promoveram a reflexão e busca por soluções para conflitos, indagações e padrões que estão em nossa sociedade. Durante algumas manhãs, as turmas deste turno ficam sob a minha responsabilidade, com a proposta do **Projeto Mediação de Leitura**. Nestes momentos, brincamos, conversamos, descobrimos, experimentamos, refletimos e registramos situações e soluções para temas diversos. Conforme Francisco (2019):

Vale considerar que neste conjunto, a sociedade humana tem papel preponderante e incorpora uma sociedade pedagógica. Sabemos que tanto a mídia, através da tecnologia, Internet, televisão, rádio e jornais, assim como todo material de informação cumprem esse papel do pedagógico na sociedade, fato que implica um acompanhamento e orientação do educador voltado para o contexto atual com o olhar seletivo sobre o que chega como informação.

Também é importante ressaltar que, no novo prédio da nossa escola, os espaços estão sendo construídos e organizados. Então, permanentemente, um dos focos do projeto foi a estruturação de um espaço de Biblioteca, com efetiva participação das crianças e suas famílias. Inclusive, cada turma criou um livro com seus registros e ideias para a constituição deste espaço.

Frente a isso, busquei outra forma de trazer literatura para as crianças (visto a falta de acervo literário, no momento): foi cantando e ouvindo músicas, canções folclóricas que os temas começaram a ser abordados. Cantávamos e brincávamos de acordo com nosso folclore e, então iniciávamos discussões sobre o que foi cantado, sempre ressaltando a



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

importância e a valorização deste repertório cultural, existente e perpassado por gerações. Conforme afirmação no texto de Francisco (2019):

Ao abordar a pluralidade cultural do Brasil, o professor deve promover no aluno o sentimento de valorização cultural do país, além do reconhecimento e respeito das diferentes culturas, mostrando que não existe uma melhor ou mais desenvolvida que a outra.

Sendo assim, focamos nossas discussões, hipóteses e argumentos utilizando as palavras e conceitos contidos nas canções conhecidas e provocamos debate de ideias. Pude confrontar as vivências familiares, sociais e individuais das crianças não para obter respostas ou ações mecanizadas e repetidas, mas possibilitando que as crianças pensassem sobre suas ações, sobre suas compreensões de mundo e provocando-as a se colocarem no lugar do outro, criando ou não empatia pelo mesmo e, assim, constituindo e consolidando seus próprios valores.

Interessante ressaltar que, até então, não havia percebido o quanto está enraizado as contradições entre o que afirmamos ter como valores e conceitos “bons e corretos” e as falas, gestos, piadas, músicas e outros elementos que, por vezes, ingenuamente repetimos de forma automática. Isaque Folha registrou essa discrepância na sua entrevista para Cury (2019, p. 1):

Parece uma brincadeira ingênua, mas traz uma série de problemas camuflados no “meio lúdico”, que têm sido propagados há séculos, sem a menor reflexão - até que as coisas começaram a mudar.

Sendo assim, iniciamos com a famosa canção “Atirei o pau no gato”, que já tem bem propagada a versão “Não atire o pau no gato”, através das mídias. Percebemos que precisamos estar atentos **à todo** tipo de repertório que disponibilizamos e incentivamos dentro das escolas.

Cabe considerar que, segundo Andrade (2014) “não é só essa música que traz valores invertidos implícitos. O clássico *Atirei o Pau no Gato* traz a violência contra os animais de forma clara. E foi exatamente essa cantiga que deu início ao trabalho do piauiense Isaque Folha, de modificar, recriar e tornar as canções cantadas em sala de aula e em casa uma forma verdadeiramente saudável de aprendizado. E essas mudanças já alcançaram todo o país, o que nos incentivou a trazer para este projeto tal abordagem.”



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Dando continuidade a descrição metodológica, farei um breve relato de nossas ações já realizadas, destacando que as provocações feitas por mim sobre as canções logo despertavam perguntas e suposições das crianças, visto que estas reflexões já fazem parte do nosso cotidiano escolar há algum tempo e que a maioria das crianças eu já conhecia. Cada reflexão ou apontamento realizado em nossos encontros, acrescentavam fatos para eu estudar, procurar, como também, direcionava novos encaminhamentos que foram construídos com os participantes deste processo. Pois,

Repensar o planejamento e objetivos que se queira alcançar na formação do aprendizado do aluno, tendo na figura do professor/educador aquele que facilita o processo desse aprendizado, o intermediador na formação de um ser crítico, político e capaz de formar opinião amadurecida sobre o objeto de seu estudo e sobre a própria vida, é compromisso do educador. (FRANCISCO, 2019, p. 5)

Em seguida, além de brincar e cantar a canção, eu propunha alguma encenação ou outra forma de interpretar o que foi cantado. Trazendo a canção por partes, segmentando a ideia de cada estrofe e, algumas vezes, auxiliando na contextualização desta canção de forma mais concreta: através de imagens, vídeos, teatros, fantoches, desenhos, massa de modelar, recorte e colagem, entre outros.

Neste sentido fomos produzindo conhecimentos à luz das mudanças culturais tendo por base a realidade vivenciada por mim e pelas crianças. Ações como essas priorizam uma educação na qual o sujeito (re)cria a cultura, a arte, o saber a partir de suas buscas, constituindo identidade dentro de um contexto sócio, político, histórico e cultural. (FRANCISCO, 2019, p. 5)

Por vezes, as reflexões acerca de uma canção ainda não possuía uma canção “modernizada” e era preciso pensarmos juntos para criarmos a nossa versão. E esta reflexão discussão também acontece por meio das encenações teatrais, na qual a criança utiliza-se de todo corpo para representar seus sentimentos ou do personagem, auxiliando-a na percepção/empatia com o mesmo.

Também nos valem de uma pesquisa de campo, perguntando para outros educadores e adultos da escola ou da família, como eram essas brincadeiras/canções na sua infância. Para então, abordar as mudanças sociais deste tempo passado como tempo atual. Importante esclarecer para as crianças que a sociedade também está aprendendo e evoluindo e que elas fazem parte deste “novo” mundo. Segundo Francisco, 2019:



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Acompanhar tais mudanças tendo em mente que a cultura é um campo de produção de significados e negociações, onde vários determinantes atuam é de extrema necessidade por parte daquele que traz a informação, que trabalha o conhecimento e se propõe a educar. Isso nos leva a repensar a proposta que temos no papel de educadores, na postura individual que assumimos no fazer diário frente aos nossos alunos. (FRANCISCO, 2019, p. 3)

Nossa sociedade está em constante mudança e aprender desde cedo que nossas ações trazem consequências e que podemos ajudar, nos torna mais comprometidos com nossas intenções.

Concomitantemente, consegui acervo literário para auxiliar nestes desdobramentos. Livros emprestados de colegas, adquiridos pela escola ou resgatados do outro espaço, fomentaram as discussões e as crianças foram percebendo as ligações entre as canções e os livros e vídeos apresentados. Trazer a fonte e a história da mesma, vai constituindo um educando que compreende e se apropria do desejo de buscar a informação e conhecer de onde ela surge. Assim, a cultura, a história, o resgate do passado se consolida com o que é visto nas mídias, nas redes sociais e no dia-a-dia e a criança passa a ter seus argumentos próprios para as suas ideias.

Após estas intervenções também propus outras brincadeiras e canções, sem anular ou inibir o desejo de brincar e reproduzir alguma das brincadeiras ou canções folclóricas nas “antigas” versões, pois, conforme Isaque Folha (Andrade, 2014): o problema não está em cantar as músicas originais, mas na falta de senso crítico sobre elas. Isso requer um trabalho de análise com as crianças.

Portanto, a proposta não tem por objetivo que as crianças e as famílias passem a cantar e a brincar somente com as novas propostas. Mas que entendam e possam escolher ou argumentar sobre o que estão fazendo. Afinal, as obras folclóricas fazem parte de nossa história e devem ser valorizadas na forma e no tempo em que foram escritas, criadas. Contudo, nós educadores somos responsáveis por problematizar os conteúdos e objetivos direcionados para as crianças.

DOS DESDOBRAMENTOS



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Sabemos que o processo de criação e organização da Biblioteca Escolar não se encerra por aqui. Tanto que, a escola já está pensando numa Semana Literária na qual possa apresentar a história desta construção, com fotos, registros das crianças e os próprios livros confeccionados pelas turmas (de ambos os turnos). Também acreditamos que esta experiência de participação ativa e concreta das crianças e familiares possa agregar maior proatividade em alguns, incentivando a autonomia e a iniciativa para mudanças significativas nos seus espaços de convívio (casa, escola, trabalho).

Outro enfoque que apresento está nas relações culturais, pois à medida que oportunizamos e estimulamos nossas crianças, desde cedo, a questionar, analisar e a argumentar suas ideias e decisões, elas passam a olhar o mundo que as cerca com mais criticidade e sentem-se mais confiantes e seguras de que possam mudar ou não aceitar a situação apresentada (seja uma piada que não é engraçada, um apelido que gera desconforto, um “não” que não é respeitado, um abuso, uma violência...) de forma respeitosa, saudável e segura.

Afinal, a partir das experiências realizadas, as crianças puderam ampliar seu repertório literário e, conseqüentemente, estão apropriando-se do uso de fontes distintas para fundamentar suas ações e pensamentos. Isto gera, também, um encorajamento e nova postura diante da sua “visão de mundo”, potencializando possibilidades de reinventar situações do cotidiano ou até de libertar-se de situações constrangedoras, abusivas e/ou complicadas.

Com esta proposta, desejo enriquecer as produções das crianças, tornando suas aprendizagens mais significativas e que suas ações venham permeadas de reflexão e criticidade e não mera repetição de uma sociedade excludente, machista, sexista, misógina, racista e preconceituosa. E tenho a convicção que, mesmo lentamente, conseguimos dar mais um passo para a construção do respeito **para à** diversidade, na busca de diminuir os índices de violência oriundas de preconceito e discriminação.

REFERÊNCIAS

ALARCAO, Isabel. **Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão**. PortoPortugal. Coleção Cidine. Porto Editora. 1996.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

ANDRADE, Patrícia. **Piauiense reescreve cantigas de roda e retira violência e malícia das letras.** Do G1 PI, 16 mar, 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/03/piauiense-reescreve-cantigas-de-roda-e-retira-violencia-e-malicia-das-letras.html> . Acesso em: 20 ago. 2019.

ANDRADE, S. S. **Professor/a pesquisador/a: problematizando gênero e sexualidade na escola.** *Educação em Gênero e Diversidade*. 1ed.Porto Alegre: Tomo, 2017, p. 35-44.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** *Série Pesquisa*, v. 3. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**. V. 39, n.2, p. 573 – 593, 2014.

CAMOZZATO, Viviane Castro. COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia – pluralização das pedagogias e condução dos sujeitos. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação / PPGE / UFPel. N. 44, 2013.

COSTA, Vorraber Marisa. Política cultural na escola – o que fazer na segunda-feira?. In: In: SCHMIDT, Saraí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 53 – 56.

COSTA, M.C.V.; SILVEIRA, Rosa M.H.; SOMMER, L.H. Estudos Culturais educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. V.23. Mai-jun/ago, 2003. p. 36-61 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782003000200004&script=sci_abstract&tIng=pt

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro. **O Olhar do Educador à luz das mudanças culturais.** UESC, Salvador, BA, 07 nov, 2006. Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/artigos/olhardoeducador.pdf> . Acesso em: 23 ago. 2019.

CURY, Jordana. **Piauiense muda canções de roda e best-seller é adotado em todo o país.** Cidade verde.com, 31 dez, 2017. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/262918/piauiense-muda-cancoes-de-roda-e-best-seller-e-adotado-em-todo-o-pais> . Acesso em: 20 ago. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **A Diversidade Cultural Brasileira em Sala de Aula.** Canal do Educador. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-diversidade-cultural-brasileira-sala-aula.htm> . Acesso em: 23 ago. 2019.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999..

HOFFMANN, J. **Avaliação e Educação Infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MOMO, Mariângela. Mídia, consumo e os desafios de educar uma infância pós-moderna. In: DORNELLES, Leni Vieira. BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e infância**: na era da informação. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

NORONHA, Heloísa. **Violência contra a mulher**. Colaboração para UNIVERSA, 03 dez, 2018. Disponível em [HTTPS://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/03/machismo-sexismo-e-misoginia-quais-sao-as-diferencas.htm](https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/03/machismo-sexismo-e-misoginia-quais-sao-as-diferencas.htm) .Acesso em: 20 ago. 2019.

OLIVEIRA, Rosimere Moura. **A Cultura Popular e sua Influência na Educação Escolar**. Disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1279/1/PDF%20-%20Rosimere%20de%20Moura%20Oliveira.pdf>. Acesso em 23 de ago. 2019.

SABAT, Ruth. Relações de gênero na mídia. In:, Sarafí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 65 – 68.

SARDAR, Ziauddin, VAN LOON, Boris, **Introducing cultural studies**. New York: Totem Books. 1998.

SHMIDT, Sarafí. De olho na mídia. In: SCHMIDT, Sarafí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.